**Os Bairros Rurais e a Construção Sociológica “Sociedade Caipira”**

Baltazar Macaíba de Sousa (baltazarmacaiba@bol.com.br)

**1. Introdução**

O texto quesegueapresenta-se enquanto umaanálisereferenteà tese que sustenta a formação e persistência de uma sociedade caipira no meio rural brasileiro. Trata-se de uma reflexão crítica sobre a construção sociológica “sociedade caipira” como recurso para explicar o processo de formação da sociedade brasileira, sobretudo no contexto de grandes transformações no meio rural. O trabalho procura tematiza a existência e a persistência da civilização caipira através de sua unidade elementar e núcleo básico: o bairro rural. É uma tese, pois**,** sujeita a controvérsias, críticas e contestações. É nesse marco que ousamos estabelecer um diálogo crítico referente aos bairros rurais e à sociedade caipira a partir de dados empíricos e formulações teóricas, dando destaque os aportes de Maria Isaura Pereira de Queiroz e Antônio Candido, tentando evidenciar os desafios teóricos dessa construção metodológica. A formulação central do texto é entender de forma crítica se ainda existe uma civilização caipira na sociedade brasileira que encontra nos bairros rurais a confirmação daexistência e persistência da sociedade caipira no meio rural brasileiro. Fazer uma leitura do texto “*Bairros rurais paulistas*” de Pereira de Queiroz (1973) se constitui um desafio e uma ousadia ante uma contribuição já consagrada no âmbito da Sociologia e da Antropologia, como é o referido texto, pois é o desfecho de vinte anos de pesquisa. “*Bairros rurais paulistas*” é uma continuidade de outros trabalhos que advogam a tese de que no Brasil tenha existido uma sociedade caipira distinta da civilização ocidental moderna.

As pesquisas e as conclusões dos dados trazidossobre os bairros rurais são facilmente constatados comunidades camponesas do Brasil, os quais, em hipótese, nos permite afirmar que a construção sociológica “sociedade caipira” objetivando explicar e dar conta de parte da realidade rural e camponesa é controvérsiapara alcançar o objetivo proposto e sua formulação pode se constituir em uma negação do processo histórico que se desenvolveu no Brasil. Os bairros rurais e sociedade caipira como construções teóricas podem mistificar os processos e formações ocorridos no Brasil (ainda existentes) como parte de uma totalidade histórica, confundindo ao invés de esclarecer o principal referente à nossa formação social: no Brasil se formou uma sociedade semicolonial moderna e ocidentalizada que inicia-seno Brasil Colonial, com base, principalmente, no trabalho escravo como forma dominante e ainda nos primeiros três séculos e meio.

2. Sociedade semicolonial moderna versus sociedade caipira

A formulação central do texto de Pereira de Queiroz (1973), que entendemos ser objeto de crítica, é a ideia da existência de uma civilização caipira na sociedade brasileira que encontra no trabalho “*Bairros rurais paulistas*” a confirmação da existência e persistência da sociedade caipira no meio rural brasileiro. Quarenta anos após suas pesquisas e conclusões os dados trazidos por Pereira de Queiroz (1973) ainda são facilmente constatados nas comunidades rurais do Brasil, o que nos permite afirmar: a construção sociológica “sociedade caipira” objetivando explicar e dar conta de parte da nossa realidade não alcança o objetivo proposto e sua formulação é uma negação do processo histórico que se desenvolveu no Brasil. Tal construção faz mistificar os processos e formações ocorridos no Brasil (ainda existentes) como parte de uma totalidade histórica, confundindo ao invés de esclarecero principal referente a nossa formação social: no Brasil se formou uma sociedade semicolonial moderna e ocidentalizada.

A formação de uma civilização semicolonial moderna no Brasil é resultado de vários movimentos: a vinda da população negra da África **(** como mercadoria e mão-de-obra escrava**)**, a vinda dos portugueses colonizadores e/ou mercadores e a existência de populações nativas que foram praticamente destruídas devido ao contato com a civilização européia.

A dissolução da civilização pré-cabraliana foi uma condição insubstituível para realização e formação do capitalismo moderno retardatário, no caso brasileiro. Isto é o que explica a formação de uma sociedade moderna como supra-sumo desse modo de produção**,** o que não significa a existência de duas sociedades no Brasil: a civilização moderna ocidental e a sociedade caipira. O que existede fato é uma sociedade semicolonial moderna com todos os seus “anacronismos” e paradoxos típicos dessa forma de sociedade.

Acreditamos ser inconsistente o conceito *civilização caipira* para explicar parte de nossa realidade, principalmente pelo fato de colocar o desenvolvimento paralelo de dois tipos de sociedade: a caipira e a moderna. Se admitirmos de forma radical a explicação da autora, chegaremos à conclusão necessária que, com o processo de acumulação do capital se formou nas colônias dois tipos de sociedades. Desse modo, a tese *sociedade caipira* não ajuda a desvendar o que ocorreu com a dissolução das civilizações pré-cabralianas, com a transposição de populações inteiras da África como escravos para o Brasil e a vinda dos colonizadores e explorados portugueses ao Brasil.

3. Os elementos novos que confirmam a sociedade semicolonial moderna

O trabalho “*Bairros rurais paulistas*” e a pesquisa desenvolvida pretendem avançar na construção e sustentação teóricas da ideia de civilização sobre, o que se comprova pelo elemento novo: a existência de bairros rurais formados por e caipira agricultores. Os bairros rurais formados por agricultores e destacados são uma tentativa de fortalecer a tese da civilização caipira, uma vez que na formulação de Candido (1979) os bairros rurais eram formados apenas por camponeses: produzem para o consumo. Neste caso, na visão de Candido, essa civilização desapareceria com a dissolução dessa forma de produção. O problema é que não desapareceu. Assim, coube à Pereira de Queiroz (1973) construir novo esquema explicativo da civilização caipira e trazer novos dados que evidenciam a existência de bairros rurais formados por agricultores, acrescentando elementos novos para explicar outras “faces” da sociedade caipira, ou seja, os bairros rurais podem ser formados de camponeses, como também por agricultores. Estes voltados à produção comercial e aqueles à produção de subsistência (consumo), porque antes de suas pesquisas, os bairros rurais eram compreendidos como sendo formados apenas por camponeses. No entanto, os dados que a autora utiliza são algumas particularidades do campesinato brasileiro. Um bairro rural composto de pequenos camponeses, voltados para a produção de mercadorias (produzir para o mercado), é um tipo de variação normal na civilização que se formou no Brasil.

Candido (1979) concebe a civilização caipira como desenvolvimento e adaptação entre a cultura européia portuguesa, a cultura indígena e a negra, isto é, tal sociedade e sua unidade básica, o bairro rural, encontram-se presentes desde o início da sociedade semicolonial. Mas, estava desaparecendo em função da moderna civilização ocidental. As formulações de Candido (1979), reais quanto à sociedade caipira, foram invalidadas pelos fatos reais, sobretudo porque uma série de características atribuídas à sociedade caipira e ao bairro rural continuavam a persistir e a aparecer em processos mais recentes, por isso coube à Pereira de Queiroz (1973) tentar salvar a ideia de sociedade caipira e sua unidade básica: o bairro rural. Assim, para ressuscitar o conceito de sociedade caipira, suas pesquisas apontamo bairro rural caipira em áreas recentes de povoamento (em áreas povoadas por imigrantes europeus que chegaram ao Brasil com o fim da escravidão em 1888) exemplificando, com o bairro de Itaquarí no município de Leme (SP), cujos habitantes são descendentes de imigrantes italianos. Aqui reside outro impasse à ideia de civilização caipira.

A decadência da lavoura do café não explica o florescimento da sociedade caipira nas regiões antes dominadas por tal cultivo. A volta de relações sociais aparentemente arcaicas e modos de existência precários confirmam o fenômeno do desenvolvimento desigual e combinado. A decadência da cultura do café no Brasil e em nossa moderna civilização semicolonial, faz aprofundar as contradições do domínio das cidades sobre o campo. Contrariamente, com a decadência da lavoura do café assistimos à transferência de capitais para outros ramos da economia industrial e não aum retrocesso no sentido de aprofundar as relações da suposta civilização caipira.

Nas sociedades semicoloniais modernas os processos se dão da seguinte forma: uma área técnica e cientificamente moderna pode se transformarem outra região na qual predominamtécnicas “medievais” e “pré-históricas”. Observe o caso da Fazenda Zabelê no município de Touros (RN), que na década de 1960 teve seu auge com a plantação de agave (um processo de produção moderno que fez florescer uma situação completamente distinta das demais regiões de Touros e da própria região do Mato Grande que abrange outros municípios do Rio Grande do Norte, tornando-se inclusive pólo de atração para populações de outro Estado /Paraíba). Mas, com a substituição dafibra do agave por outras fibras sintéticas para a indústria têxtil a região da Zabelê, transformou-se rapidamente de “paraíso do progresso” para uma região com predominância de técnicas medievais. O caso da cultura do algodão no Sertão Central do RN é outro exemplo típico. Na década de 1930, construíram até uma estrada de ferro nessa região com trecho de Natal (RN) a Angicos (RN), usando a linguagem dos caminhoneiros, só para “puxar algodão”. Hoje tudo está desativado. Comunidades, vilas, e arruados antes povoados em pleno florescimento da cultura do algodão e da ferrovia voltaram a ser lugares praticamente desabitados, voltaram à “idade da pedra”. Esta é a singularidade da sociedade moderna.

Pereira de Queiroz (1973) para sustentar a ideia do bairro rural argumenta que o florescimento de cidades modernas próximas aos bairros rurais não é fator de desenvolvimento destes. Com isto constata-se não a persistência do bairro rural (como núcleo fundamental da sociedade caipira), mas uma espécie de quase lei da sociedade semicolonial: paraíso e ilhas de desenvolvimento convivendo com a última palavra de pobreza tecnológica, relações sociais e econômicas quase da época da “Idade da Pedra”. Isto nãoocorreporque exista uma civilização caipira distinta da moderna civilização semicolonial, mas sim pelo próprio mecanismo de funcionamento dessa sociedade modernaque édistintode todas as outras formações que a antecederam. Faz conviver sob um único modo ser a última palavra da ciência moderna com os últimos suspiros “técnicos” da “Idade da Pedra”.

A existência e persistência de processos aparentemente arcaicos e tradicionais não indicam o florescer de uma civilização caipira que conviveu e convive com a moderna civilização ocidental, mesmo esta na condição semicolonial, como é o caso da sociedade brasileira, mas estamos diante existência da moderna civilização ocidental que admite os mais variados processos e relações sociais, políticas, culturais, econômicas... que aparentam ser autônomas e distintas dela. São na verdade manifestações e criações genuínas da própria civilização moderna onde esta se desenvolveu de forma colonial ou semicolonial. Aqui reside a singularidade da moderna civilização ocidental e seu modo de produção capitalista. Enquanto outros modos de produção que o antecederam criaram sociedades bem homogêneas e bem delimitadas quanto aos aspectos sociais, políticos, e culturais, o capitalismo universalizou suas relações e seu modo de ser, submetendo à sua lógica outras formas sociais. Observe que o trabalho escravo foi reintroduzido nas relações sociais da moderna civilização ocidental, mas, nem por isso ocorreu um retorno à sociedade escravista. O trabalho escravo, bem como determinadas formas sociais de trabalho são recriações da civilização ocidental e não podem ser confundidas e/ou interpretados como a existência de outrotipo sociedade.

Pereira de Queiroz (1973) formulao falso dilema: o isolamento e a relação com a cidade por parte dos bairros rurais. Resolve o dilema quando argumenta que não há um isolamento do rural ante o urbano. Sua tese não deixa de ser outro falso dilema quando reafirma a existência da sociedade caipira frente à sociedade urbana moderna. Sua formulação sobre a civilização caipira e o não isolamento dos bairros rurais retroagea sustentar a existência da sociedade caipira. É apenas uma variante da ideia central que se distingue da formulação de Candido (1979) que considera o isolamento como um dos requisitos para o florescimento da sociedade caipira. Para completar**,** ela argumenta que a relação com as cidades não modificou as condições de vida dos bairros rurais. Este não é um fator de explicação. Pode ser que uma comunidade leve séculos sem ter acesso a elementos da vida moderna. Isso não significa que constitua outra sociedade. O problema do isolamento ou não, do camponês e do agricultor, do bairro rural antigo e do moderno e outros são apenas nuanças de como fundamentar a existência da sociedade caipira distinta da urbana e moderna civilização ocidental.

É fundamental entender que a civilização moderna ocidental se desenvolve sob as premissas do desenvolvimento desigual e combinado. Movimento este entranhado à vida social, política, econômica e cultural da sociedade moderna. Esta é a razão de encontrarmos formas sociais, relações políticas, técnicas e conhecimentos aparentemente tão opostos no seio de uma determinada formação social. Nas sociedades semicoloniais, como é o caso da brasileira, tais manifestações aparecem de forma muito evidente. É importante que se registre que o desenvolvimento desigual e combinado não é uma singularidade das sociedades semicoloniais, porém é um processo que se verifica igualmente nas sociedades modernas da Europa e da América do Norte.

Para termos uma ideia mais precisa da singularidade da moderna civilização semicolonial que se formou no Brasil (bem como seus elementos mais representativos) e de como o fenômeno do desenvolvimento desigual e combinado pode ser visto claramentebasta observar as regiões e vales da fruticultura irrigada, onde convive ao lado da agricultura capitalista irrigada com técnicas e recursos computadorizados e via satélite, o camponês pobre recorrendo à técnica da coivara, utilizando a enxada e na completa dependência das forças da natureza. No plano dos elementos culturais**,** vamos encontrar a mesma convivência: danças e outras manifestações populares tidas como tradicionais convivendo e relacionando-se com a mais fina, erudita e contemporânea musica, dança, pintura e outros. Temos assim o “mistério” da nossa moderna civilização semicolonial.

**4. Economia, trabalho e sociedade**

A descrição feita por Pereira de Queiroz (1973) a respeito da atividade econômica de dois bairros rurais do Município da Taubaté, evidencia a típica relação do campesinato pobre com o mercado.É justamente por esta relação que ocorre a apropriação indireta do excedente produzido pelo camponês pobre. Esta relação não significa apenas que as comunidades não estão isoladas, mas revela a particularidade sem disfarce da transferência de excedente do campesinato pobre via a relação que mantém com o mercado na sociedade capitalista moderna. Como é o caso da associação rural, espécie de cooperativa, descrita pela autora para facilitar a compra de adubos, sementes e implementos agrícolas, a qual também não exclui o processo de apropriação indireta do excedente produzido pelo campesinato pobre.

Na essência, análise objetiva revelar a ausência de trabalho assalariado permanente e realçar o trabalho familiar como fundamento da sociedade caipira. Contudo, é preciso compreender que o trabalho familiar, trabalho assalariado e mutirão são partes das relações sociais e de trabalho do campesinato pobre que se forma com o advento do capitalismo. O assalariamento permanente já é a forma de subsunção real do trabalho ao capital. Este tipo de realização ocorre quando o capital não precisa se apossar do excedente produzido por outras formas de trabalho: familiar, servil, semi-servil, semi-escravo, e escravo. Somente onde o trabalho está subsumido realmente ao capital é que desaparecem outros tipos de trabalhos, enquanto isso não ocorre o trabalho está subsumido formalmente ao capital. Por isso, há confusões e interpretações distorcidas acerca da sociedade da qual estamos diante. No caso brasileiro, e particularmente no nosso meio rural, a subsunção formal do trabalho ao capital é marcante. Este tipo de relação ocorre preponderantemente no meio rural brasileiro. Este é o motivo das relações e formas sociais de trabalho da moderna civilização capitalista aparecerem invertidas, como tradicionais, arcaicas.

Nos bairros rurais onde há pequenos proprietários e camponeses que vendem sua força de trabalho, Pereira de Queiroz (1973) argumenta que os patrões ou a camadas dos patrões são incomparavelmente mais numerosas que a dos camponeses que vendem sua força de trabalho. Ela usa este dado para justificar a tese do bairro rural como unidade mínima da sociedade caipira, exagerando para tentar justificar sua tese, quando numa determinada parte do texto denomina como empregadores os camponeses detentores da pequena propriedade. O que só ajuda a entender que não tivemos e nem temos uma civilização caipira, mas uma civilização semicolonial moderna com as suas mais variadas formas de relações de produção e de trabalho, que no meio rural assume formas imprevisíveis. Em seguida, Pereira de Queiroz (1973) recorre à argumentação da alienação: os assalariados não são oprimidos e nem alienados, pois participam de toda vida do bairro, casam com as filhas dos pequenos proprietários e tornam-se pequenos proprietários. O fundamento da alienação reside na existência do trabalho alienado. Logo, o trabalho assalariado, servil, semiservil, escravo, semiescravo e semiproletário são tipos de trabalhos alienados. São substratos para o processo da alienação. A condição de assalariados já determina,em si mesma a condição de sujeitos alienados que só se sentem bem fora do trabalho e só se realizam quando exercem suas funções (instintivas) animais: comer, beber, dormir, procriar e outras

Para Pereira de Queiroz (1973) a estrutura social do meio rural no Brasil tem duas estruturas bem definidas: 1) uma onde há claramente a oposição entre fazendeiro e a camada de assalariados; 2) outra formada por indivíduos e famílias que se encontram no mesmo nível social. Tal conclusão implica **dizer** que no meio rural temos a civilização caipira e a civilização moderna na qual prevalece a **diferença** social. Aquela se estrutura a partir dos bairros rurais e a moderna a partir dos latifúndios (fazendas). Argumenta ela que estas estruturas são complementares. A sociedade semicolonial não se complementa com nenhum outro tipo de sociedade, pois ela tem uma razão histórica que determina essa condição: a sociedade semicolonialcoloca sob seu jugo todas as formas de trabalho e de sociedade, quando não lhe interessa a destruição. No caso brasileiro, tanto o latifúndio quanto a pequena propriedade camponesa são duas expressões de um mesmo tipo de propriedade: a moderna propriedade capitalista.

Ao discutir o problema da sociedade necessariamente Pereira de Queiroz (1973) retoma a questão do Estado e suas instituições. Para ela, o Estado exerce um papel mais intermediário entre a sociedade caipira e a sociedade moderna. Objetivamente, no seu entender, há um distanciamento do Estado em relação à sociedade caipira. O problema é que o distanciamento do Estado não é um privilégio dos bairros rurais e não se resumem a estes. É um fato que também se verifica com relação aos bairros urbanos. Não é possível conceber a intervenção cotidiana do Estado no meio rural da sociedade semicolonial. A presença do Estado só é sentida nos grandes e médios centros urbanos e, às vezes, a não presença do Estado é marcante**,** como é caso das favelas do Rio de Janeiro, onde os “bandos criminosos” são quem controlam a vida nos morros.

Pereira de Queiroz (1973) descreve a intervenção do Estado (através do ensino público) “nos bairros rurais”nos quaisas escolas são mal conservadas e por isso as professoras querem se transferir para outras escolas, a irregularidade da freqüência escolar, o desinteresse pelo estudo e o grande número de analfabetos seriam, na compreensão da autora, características peculiares da civilização caipira. Porém, esta é uma realidade que se apresenta modernamente nas áreas urbanas e se agrava nas zonas rurais.Vejamos um breve relato das atividades de campo realizadas pelo Serviço de Assistência Rural (SAR), no período 1994 a 1997: nos acampamentos e assentamentos o número de analfabetos era bastante elevado, isto se comprova quando passávamos a lista para as pessoas assinarem e a quase totalidade dessas pessoas não sabia escrever o nome de registro.Este fato indica, a nosso ver, um problema da sociedade brasileira e não (como quis demonstrar a autora) da sociedade caipira.

Podemos ir mais além e afirmar que a falta de higiene, a inexistência de fossas e outros problemas semelhantes são comuns em determinados bairros e favelas dos centros urbanos. Recorrer a benzedeiras, curandeiros, por exemplo, não são privilégios do mundo caipira, pois nas cidades isto também acontece. No meio rural a freqüência é maior porque o sistema de saúde público não é suficiente para abranger as populações inteiras, inclusive, os primeiros cuidados são feitos em casa com a utilização de chás e rezas. Somente quando a situação se agrava é que as pessoas recorrem ao sistema público de saúde.A política que a pesquisadora denomina como tradicional é, em verdade, nossa moderna política.

**5. Conclusão**

A análise de Pereira de Queiroz (1973) e seu método dualista permitem construir e admitir teoricamente a existência e formação de duas sociedades: a moderna e a caipira. Mas pensamos que o dualismo não é o melhor caminho para entender o que ocorreu no processo de formação da sociedade brasileira. O caminho de abordagem de Pereira de Queiroz (1973) possibilita uma série de construções sociológicas hipotéticas como a existência e persistência de uma civilização herdeira dos quilombos, cujo núcleo elementar são as comunidades negras espalhadas de norte a sul do Brasil. Podemosir mais aléme afirmar que uma civilização herdeira dos quilombos é distinta da civilização caipira e da própria civilização moderna ocidental. Nem as comunidades negras, os bairros, outros tipos de comunidades ou grupos (que se formaram a partir do processo de construção da nossa moderna sociedade) indicam a existência e persistência de sociedades distintas da moderna civilização semicolonial brasileira.

À maneira de conclusão podemos pensar que a construção sociológica de civilização caipira poderia auxiliar no entendimentode como em determinadas circunstâncias a civilização moderna se formou e assumiu determinadas formas sociais aparentemente opostas à ela. Compreendemos que o recurso metodológico da autora guarda validade para entender como e porque os processos descritos, por ela, são mais propícios a se desenvolverem na formação do capitalismo em sociedades coloniais e semicoloniais. Portanto, o trabalho familiar, trabalho assalariado, o trabalho semi-escravo, os impostos, a religião, o comércio, o igualitarismo social versus a desigualdade social, a escola, as eleições, os partidos, as certidões de óbito e nascimento, título da terra, o atravessador de mercadorias, os vendeiros, as rodovias modernas, a compra e venda de terra, as carvoarias, serrarias, cerâmicas e tantas outras manifestações da nossa sociedade negam de forma irrefutável qualquer ideia de civilização caipira ou coisa do gênero.

**Referências**

CANDIDO, Antonio (1979). *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo: Livraria Duas Cidade.

FUKUI, Lia Freitas Garcia (1979). *Sertão e bairro rural*. São Paulo: Ática.

HEILBRONER, Robert (1994). *O capitalismo do século XXI*. Rio de Janeiro: Zahar.

LENIN, V.I. (1962).*La lucha de los pueblos de las colonias y paises dependientes contra el imperialismo*. Moscú: Edciones Lenguas Extranjeras.

MARTINS, José de Souza (1986). *Introdução crítica à sociologia rural*. São Paulo: Hucitec.

MARX, Karl (1986). *Formações econômicas pré-capitalistas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MARX, Karl(1989). *Manuscritos econômicos e filosóficos*. Lisboa: Edições.

MARX, Karl(1992).*Capítulo VI inédito de O Capital*. São Paulo: Editora Moraes.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich (1979).*Sobre el colonialismo*. México: Siglo XXI.

NOVACK, George (1988). *A lei do desenvolvimento desigual e combinado da sociedade*. São Paulo: Rabisco.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (1973). *Bairros rurais paulistas*. São Paulo: Livraria Duas Cidade.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (1977).*Os cangaceiros*. Livraria Duas Cidade.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura (1978).*Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo: Edusp.